

# 8

## **A IRONIA E A SIMBOLOGIA NAS CRÔNICAS POLÍTICAS DE JOSÉ SIMÃO**

**THE IRONY AND SYMBOLISM IN JOSÉ SIMÃO'S  
POLITICAL CHRONICLES**

**Arlinson do Nascimento Nunes**

Graduando de 2009 no curso de Pós-graduação em Estudos Linguísticos  
Unifran - Universidade de Franca.

**Prof<sup>a</sup> Ms. Marilurdes Cruz Borges**

Professora Orientadora da Unifran - Universidade de Franca; Mestre em Linguística.

### **RESUMO**

Subjaz a este trabalho o objetivo de analisar a ideologia e como é a inserção dos sujeitos representados nos recortes da crônica político-social do colunista José Simão. Dono de um estilo inconfundível, o colunista escreve suas crônicas baseadas no noticiário do dia e faz da ironia e da paródia um recurso agradável para provocar pessoas eminentes da sociedade brasileira. A fundamentação teórica baseia-se em Foucault, Linda Hutcheon, Eni Orlandi, entre outros. Primeiramente, levantamos conceitos teóricos acerca de gênero, sujeito, discurso, ideologia para subsidiar o escopo dessa investigação com base no sentido da ironia e da paródia. Muitos estudos apontam como a linguística é rica em diferentes linguagens e também demonstra que é por meio dela que o mundo ganha sentido, amplia horizontes e faz

o ser humano desfrutar da liberdade. Assim, linguagem e sociedade estão inteiramente associadas para informar, dialogar, expressar subjetividades e provocar reações em seus enunciatários. Portanto, através dessa breve análise, veremos o quanto é interessante conhecer e apreciar temas variados que se tornam sátiras hilárias na perspectiva de um jornalista-humorista como o José Simão.

**Palavras-chave:** discurso; ideologia; ironia.

### **ABSTRACT**

The aim of this work is to analyze the ideology and how is the insertion of the represented subjects on files of social-politic chronicles of the columnist José Simão. The columnist, owner of an unmistakable style, wrights his chronics about the daily news and uses irony and parody as a resource in order to provoke the Brazilian society imminent people. The theoretical literature is based on Foucault, Linda Hutcheon, Eni Orlandi, and others. First, we surveyed the theoretical concepts about gender, subject, discourse, ideology to subsidize the scope of this investigation based on the meaning of irony and parody. Many researches show that linguistic are rich in different languages and also show that it is the way that the world makes sense, extends horizons and makes the human kind enjoying the freedom. In this way, language and society are whole associated to inform, dialog, express subjectivities and provoke reactions in their enunciatees. Therefore, into this brief analysis, we can see how interesting is to know and to appreciate various themes that becomes hilarious satires on the perspective of a journalist-humorist as José Simão.

**Key-words:** discourse; ideology; irony.

## INTRODUÇÃO

Conhecer e analisar novo gênero textual tem sido uma experiência inovadora. Esse gênero é a crônica político-social publicada no Jornal Folha de São Paulo, de autoria do colunista José Simão. Segundo Francisco Paulo da Silva (2003, p. 92), “a crônica político-social é um gênero que constitui um espaço oportuno à ironia, uma vez que nele o articulista-enunciador assume a posição de um antagonista ou nos termos da retórica, de um *antiethos*”.

José Simão escreve na seção Ilustrada do jornal Folha de São Paulo e faz, às vezes, uso da ironia e da paródia para ilustrar o seu discurso. É colunista do Jornal desde 1987, escrevendo sobre temas como futebol, sexo e política que, como ele mesmo afirma, são temáticas com que os brasileiros se deliciam.

O objeto desse trabalho é observar como José Simão apresenta e ironiza os candidatos à eleição para presidência da república para o mandato de 2011, no *corpus* selecionado para análise que compreende a seleção de crônicas do período entre 26 de fevereiro a 30 de abril. A escolha do *corpus* se deu após ler as reportagens e as notícias do jornal Folha de São Paulo e constatar que a seção que mais nos chamou atenção é a do colunista José Simão, pois além de tratar de assuntos variados, ele coloca uma pitada de humor ácido e provocante em seus textos. Sem falar nos apelidos e trocadilhos criativos que ele atribui aos seus personagens da vida real.

Na política, no futebol ou em qualquer tema que esteja nas manchetes de grandes jornais, José Simão sabe muito bem provocar e fazer com que seus seguidores fiquem bem informados sem deixar de lado o bom-humor. Analisar trechos do discurso do José Simão acreditamos ter sido uma boa escolha, principalmente, pelo uso da ironia, da paródia e a forma como ele denomina suas ‘personalidades’ que, em alguns textos, nos instigaram, com vista a conhecê-las

um pouco mais, levando-nos ao objetivo de investigá-las enquanto sujeitos e a suas ideologias.

Em face do exposto, o objetivo do presente artigo é analisar a ideologia e a forma de inserção dos sujeitos representados nos fragmentos retirados da crônica do José Simão e também, como se dá a construção desses sujeitos, utilizando a ironia e a paródia nessa formação discursiva.

### **PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

Assim que optamos por trabalhar a crônica do José Simão, tivemos alguns questionamentos que precisavam ser sanados para fundamentar essa investigação. No primeiro momento, começamos a descrever o conceito de gênero e logo após, sobre o sujeito, não como um ser qualquer e sim, como um sujeito social e coletivo. Em seguida, abordamos um pouco mais sobre a união entre sujeito, discurso e a ideologia que são inseparáveis. Durante o texto, enfatizamos a importância e o sentido da paródia e da ironia para dar base ao objetivo que foi proposto nesse artigo e mais adiante, finalizamos com a análise dos trechos retirados do Jornal Folha de São Paulo.

Ao assistir ao conteúdo veiculado na televisão, transmitido pelo rádio, cinema, Internet, ou mesmo na leitura de um livro ou jornal, somos afetados também por sentidos sociais, políticos, históricos e filosóficos que estão inteiramente ligados ao objetivo de difundir o conhecimento. Não podemos deixar de destacar aqui as condições de produção para alcançar tais objetivos como descrito por Fávoro (2009).

Ao falar ou escrever, o sujeito constitui sentido e constitui a si próprio, em um processo de formação da identidade na relação com a língua. Diante deste contexto, ao fazer uso das diversas atividades sociais, o homem se insere em um gênero e, por isso, nasce uma relação entre a vida e a linguagem, como cita Silva (2003, p. 91). O conceito

de gênero, neste caso, está sendo adotado no mesmo ponto de vista de Eni Orlandi (2009), para quem a linguagem possui materialidade e não é apenas mero instrumento de comunicação.

Para a análise do discurso, sujeito deve ser entendido não como indivíduo, ou ser que tem existência particular no mundo, mas sim como sujeito discursivo, que deve ser considerado sempre como um ser social, que tem existência em espaço coletivo, ou seja, social, ideológico, em dado momento da história.

Ainda segundo a AD, o sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos em oposição, que se negam e se contradizem. Assim, na explicação de Sargentini e Barbosa (2004, p. 243), observamos o seguinte comentário:

Cópias, intertextos, paródias - esses são alguns dos conceitos que desafiaram as noções humanistas de originalidade e universalidade. Juntamente com a ciência positivista, o humanismo também se inclinou a ocultar aquilo que a atual teoria quer ver: a ideia de que a linguagem tem o poder de constituir (e não só de descrever) aquilo que é por ela representado. Segundo essa perspectiva, não se pode haver discursos neutros em termos de valores - nem mesmo a ciência ou a história, e, indiscutivelmente, não o serão a crítica e a teoria literárias.

Outros teóricos também contribuíram com seus estudos sobre a questão de que não existe discurso neutro. Orlandi (1994, p. 54) lembra que “é no discurso que se pode apreender a relação entre a linguagem e ideologia, tendo a noção de sujeito como mediadora: não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia. O efeito ideológico elementar é o que institui o sujeito (Sempre já-lá)”. Ideologia neste sentido é o que marca as diferentes posições dos sujeitos, dos grupos sociais que ocupam territórios antagônicos, caracterizando esses embates.

Tendo em vista a denominação de discurso não podemos nos es-

quecer de destacar aqui, um dos significados desse termo elaborado por Foucault (1987, p. 139) quando enfatiza que o discurso é:

[...] um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”) a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política.

Portanto, podemos dizer que discurso é acontecimento e foi por meio da leitura e observação que encontramos na crônica político-social do colunista José Simão, espaço oportuno para identificar esse sujeito mediador através de seus enunciados. Na condição de ‘intermediário’ que utiliza o jornal Folha de São Paulo como a máquina discursiva para proferir seu discurso, o colunista, é também, sujeito social e que ilustra a definição de Roseli (2001, p. 33) quando diz que:

Entende-se sujeito social como um indivíduo singular, único, que se constitui inserido numa determinada época, num determinado espaço, num determinado conjunto de relações sociais, numa determinada época histórica, num determinado universo cultural. Ele é plural na medida em que se constitui da polifonia dos discursos que circulam na sociedade.

No que diz respeito ao discurso, Foucault lembra que não é qualquer sujeito que tem o direito de proferir seu discurso e nos coloca a seguinte questão “não é qualquer sujeito que pode sustentar um discurso. É preciso antes que lhe seja reconhecido o direito de falar, que fale de um determinado lugar reconhecido pelas instituições, que possua um estatuto tal para proferir discursos”. BARBOSA E SARGENTINI (2004, p. 113).

Como sujeito social reconhecido e por trabalhar em uma instituição conceituada por seus leitores foi dado a José Simão o estatuto para

proferir seus discursos sobre os mais variados temas, sem é claro, deixar de lado o tom irônico e às vezes parodiado visto nos seus textos.

Além de usar a ironia em seu discurso, em alguns trechos recolhidos observamos também que José Simão aproveita a situação textual para parodiar. Nesse caso, trata-se de um recurso estilístico bastante usual em suas crônicas e o autor, claro, usa e abusa desse estilo para chacotear, brincar e instruir seus leitores de maneira cômica, irreverente e atraente.

Como descrito por Linda Hutcheon (1989, p. 13), “A paródia é uma das formas mais importantes da moderna autorreflexividade, é uma forma de discurso interartístico”. O que em outras palavras significa dizer que a paródia “reinventa as formas artísticas, revigora os gêneros e cria uma plurilinguagem, agregando elementos constitutivos de várias formas artísticas ou de outras áreas do conhecimento e da realidade”. (AGUINALDO MOREIRA, 2001, p. 163). Diante da citação acima, quando se fala em revigorar os gêneros é exatamente isso que notamos ao ler a crônica do ‘Simão’. Um episódio político, cultural, esportivo ou religioso que tenha repercussão no país são artifícios certos para serem polemizados na crônica diária desse autor que renova diversos conceitos através dos seus textos.

Ainda segundo Hutcheon, (1989, p. 13), “a paródia é, pois, uma forma de imitação caracterizada por uma inversão irônica”. E em outra concepção, “é uma repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança”. Assim, temos um gênero típico que rompe com a seriedade de um texto conforme estabelece a citação de José Ricardo Cano (2004, p. 85) quando nos revela que:

A paródia contraria dois fundamentos da literatura que tradicionalmente cumpriria a missão estética da realização artística da linguagem. Primeiramente subverte o objetivo de descrever temas elevados e nobres. A paródia não está presa nem a moldes nem a convenções artísticas, sociais ou

morais. Em segundo lugar, abdica de qualquer pretensão romântica ao *Genie* ou à originalidade da criação. A paródia desenvolve-se no terreno da continuidade, do dialogismo e da subversão.

Sobre a utilização de um estilo irônico, na concepção de Silva (2003, p. 92) “o uso da ironia na crônica político-social é uma estratégia discursiva que visa a apresentar um contra-argumento discursivamente. Nesse gênero, a ironia torna saliente uma avaliação, um julgamento ou um ponto de vista discordante do enunciador”. De fato, ao ler as crônicas do José Simão é perceptível o tom jocoso usado em seus enunciados. Os sujeitos estão representados às vezes de maneira engraçada, mascarada, ridicularizada e agressiva.

Nesse sentido, Silva (2003, p. 92) nos lembra que:

ao comentar um acontecimento político-social, ao mesmo tempo, o sujeito do discurso apresenta um ponto de vista e desqualifica o oponente; por meio desse procedimento discursivo o enunciador estabelece seu opositor e colocando-se na posição inversa, dialoga com ele deixando entrever, nesse dialogo, o conflito instaurado pela/na enunciação.

Do ponto de vista de quem lê, o gênero trabalhado pelo José Simão não está fora do contexto elaborado por Foucault (1987, p. 114) quando afirma que:

[...] [não há] enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja.

Do mesmo modo, na crônica analisada observamos claramente em alguns fragmentos uma espécie de revolta, subversão, quando ele desqualifica “o outro”, como uma forma de chamar a atenção do leitor. Brait (*apud* Silva, 2003, p. 94) alega que “qualquer que seja sua



dimensão, o irônico desencadeia um jogo entre o que o enunciado diz e o que a enunciação faz dizer, com o objetivo de desmascarar ou subverter valores, processo que, necessariamente, conta com o envolvimento do ouvinte”.

Em síntese, é a definição que Dominique Maingueneau (2001, p. 175) dá para o termo ironia, ou seja, “quando o enunciador subverte sua própria enunciação”. O autor destaca ainda, que “a ironia é por essência ambígua, pois se mantém na fronteira entre o que é assumido e o que é rejeitado. É próprio da natureza da ironia ser muitas vezes insolúvel, impedindo que o coenunciador determine se o enunciador está ou não sendo irônico”.

Na verdade, de acordo com Brait (*apud* Silva, 2003, p. 93), a ironia “é produzida como estratégia significante no nível do discurso, devendo ser descrita e analisada na perspectiva da enunciação e, mais diretamente, do edifício retórico instaurado por uma enunciação”. Em síntese, trata-se de uma tática utilizada pelos autores em diferentes textos com o objetivo de introduzir novos estilos de linguagem ao discurso. Outro ensinamento de Silva (2003, p. 92) nos permite uma nova explicação sobre a ironia quando diz:

Eminentemente argumentativa, a ironia no discurso da crônica político-social desempenha o papel de encaminhar o leitor ao desvelamento, ao desmascaramento das intenções que estavam mascaradas, ocultadas no discurso do outro. Assim, o procedimento irônico, por uma artimanha linguístico-discursiva, sinaliza ao leitor possibilidades de leitura, rotas para a compreensão do discurso do outro.

Do mesmo modo, temos na crônica de José Simão um percurso meio que definido para tentarmos compreender e assimilar determinados fatos ocorridos no esporte, no entretenimento, na educação, na saúde, na economia e principalmente na política do país. Assuntos como corrupção, eleições, impostos, analfabetismo, epidemias e *reality shows*,

quando em evidência na mídia, se transformam em crônicas hilárias e ao mesmo tempo, esclarecedoras para os seus leitores.

Em seguida, daremos início à análise proposta, tendo como fundamento todos os conceitos expostos no decorrer de nossa pesquisa teórica.

O *corpus* dessa análise serão recortes de algumas crônicas, do colunista José Simão, publicadas semanalmente no jornal Folha de São Paulo, compreendidas entre fevereiro a abril de 2010. Para a seleção do *corpus*, destacamos fragmentos que enfatizaram as referências políticas aos candidatos presidenciais, que no início do ano de 2010, estavam cotados para disputar a vaga na presidência da República.

O que mais nos chamou a atenção para essa investigação foi a simbologia da representação, às vezes polêmica e um tanto irônica, com que o enunciador vai desenhando os sujeitos que compõem a crônica político-social.

Começemos nossa análise pelo primeiro fragmento selecionado, em que o enunciador nos apresenta a pré-campanha de Serra:

PSDB lança pré-campanha com cara de Serra. “Noites do terror” no playcenter? E sabe o novo apelido do Serra? Vampiro da Ipiranga com a avenida São João! (FOLHA DE SÃO PAULO. Ilustrada E 13 26 de Fevereiro de 2010).

É evidente o tom irônico quando o enunciador lança a pré-campanha do partido PSDB e o candidato José Serra como alvo principal para alcançar a presidência, pois é como se José Serra já tivesse uma característica peculiar de campanhas anteriores e continua da mesma forma ou na mesmice de sempre. O playcenter, aqui ilustrado, é um conhecido parque de diversão brasileiro, localizado na cidade de São Paulo e sua criação foi inspirada nos grandes parques dos Estados Unidos e da Europa.

Como todo parque possui diferentes brinquedos e uma de suas atrações é a “Noite do terror”. Trata-se de um dos maiores eventos temáticos da América Latina. A atração já recebeu 500 mil visitantes em menos de dois meses. São cerca de 160 atores que representam as mais terríveis criaturas e personagens. Daí vem a alusão que o enunciador faz ao partido do candidato José Serra como ‘uma noite do terror’, por ser povoado por monstros, causar medos e principalmente propagar o fingimento.

Ainda no primeiro fragmento, o enunciador expõe para o leitor o “novo apelido” de Serra que passa a ser “Vampiro”. Neste caso, temos aqui, um antigo e conhecido personagem da mitologia e da literatura do horror. Uma espécie de morto/vivo. Uma criatura que suga sangue humano para se alimentar. E ao mesmo tempo que simboliza a morte, também apresenta a imortalidade, ou seja, o que será eterno.

Nesse contexto, o enunciador usa claramente a ironia ao apelidar o candidato José Serra de ‘vampiro’ e na condição de um cidadão político, possuir características idênticas como: sugador, causar espanto com certas atitudes, ter um forte poder de sedução, ser misterioso e controlador como os legítimos vampiros.

No trecho, “Vampiro da Ipiranga com a avenida São João!”, temos uma referência tanto à música do Caetano Veloso, ‘Sampa’, quanto ao grito de liberdade que Dom Pedro II deu às margens do Ipiranga. Em uma modesta comparação, talvez seja uma lembrança do cruzamento das ruas onde tudo acontece, principalmente, no período noturno e ao mesmo tempo um fato também político ocorrido em 1822, com a emancipação política do Brasil do reino de Portugal através do “Grito do Ipiranga”.

Tais associações dialógicas são referências à campanha apresentada pelo pré-candidato, uma vez que o ex-governador de São Paulo

pretendia naquele momento se immortalizar como Presidente da República.

Do mesmo modo, no excerto seguinte, o enunciador segue a mesma linha de pensamento, sem deixar escapar a ironia quando nos apresenta um possível “Trem Fantasma” da política brasileira. Nesse trecho, o enunciador expõe:

E já imaginou a campanha com a Dilma, Serra, Ciro e Marina? Trem fantasma! E um outro me disse que o Serra vampiro devia chupar sangue mais evoluído. (FOLHA DE SÃO PAULO. Ilustrada E 11 20 de março de 2010).

Mais uma vez temos aqui, o “Trem Fantasma”, um brinquedo comum em diversos parques que nos faz lembrar o quanto seria assustador ver os principais candidatos à presidência em um só brinquedo ou em uma única batalha rumo ao planalto central. O trecho oferece pistas sobre a diferença entre os candidatos e coloca em questão o medo e o receio em termos que escolher um desses ‘fantasmas’ para comandar o país.

Pelo que percebemos até agora, a presença da ‘imagem de horror’ é uma constante nos recortes da crônica político-social do enunciador por utilizar expressões como vampiro, sangue e fantasmas justamente para ironizar e ridicularizar seus personagens. Em seguida, na expressão “E um outro me disse que o Serra vampiro devia chupar sangue mais evoluído” ao imaginar a presença de um outro “Vampiro” ou criatura do Trem Fantasma, o enunciador coloca para o enunciatário que existem vários tipos de sangue. Talvez, uma alusão ao fato de o candidato José Serra ser ex-ministro da saúde. Nesse caso, sugar o sangue dos candidatos com alta representatividade seria mais proveitoso e, conseqüentemente, vantajoso. Assim, o enunciador exemplifica o conceito de discurso como vimos na citação de Foucault logo no início do trabalho ao fazer de seus enunciados um bem desejável, soberano, finito e de extrema utilidade pública e política.

Outro recorte que oferece uma compreensão irônica e chacoteada é quando o enunciador cita o *slogan* da campanha do Serra que diz:

E esse slogan do Serra Vampiro: “O Brasil pode mais”. Errado. O Brasil não pode mais, o Brasil tem Pó Demais! (FOLHA DE SÃO PAULO. Ilustrada E 9 17 de abril de 2010).

Podemos ver claramente nesse trecho como o enunciador é hilário ao mencionar a mensagem de campanha do candidato Serra, “O Brasil pode mais”, ainda na condição de um “Vampiro” e ao mesmo tempo, destacar um dos crimes mais triviais da nossa sociedade “o Brasil tem Pó Demais!” Uma breve referência ao tráfico e ao uso constante de drogas.

Nesse discurso, observamos também, como o enunciador discorda do candidato e usa a expressão “Pó Demais” como um contra-argumento em relação à nova proposta do candidato de que o “O Brasil pode mais”. Assim, temos pistas do quanto o enunciador está sendo irônico ao subverter e desmascarar os valores e os ideais do slogan do candidato José Serra. Temos assim, um embate travado entre um enunciador provocador e um político, ambos em esferas diferentes que dão o sentido para o termo ideologia. O enunciador em suas crônicas propõe diversos assuntos e falar de temas mais apimentados é também uma de suas principais características como veremos no próximo recorte.

Por meio da inversão irônica e igualmente parodiada, as eleições de 2010 passaram a ter um novo título e, dessa forma, temos um enunciador que manifesta sua criatividade e está completamente inserido em um momento histórico e agitado quando diz:

Ereções 2010! A agenda das inaugurações. O Serra Vampiro Anêmico vai inaugurar o metrô Trans Vampiro, das 3 às 6h da manhã. Aliás, com aquele astral, devia lançar o vale-cemitério. Se ele ganhar, você já tem onde cair morto! E a Dilma vai inaugurar o puxadinho do bar do Zé peidão em

Moragogipe. E o novo slogan da Dilma: Pra acabar com o Brasil. Dilma Vez. (FOLHA DE SÃO PAULO. Ilustrada. 11 de abril de 2010).

Logo no início do enunciado notamos uma inversão da palavra eleição por ‘ereção’ e, desta maneira, temos um sentido ambíguo. “Ereções 2010” refere-se tanto ao ato de erguer, instituir algo, quanto ao apelo sexual da expressão. Mais adiante, o enunciador apresenta ao leitor a agenda dos pré-candidatos com a presença do Serra “Vampiro” e da pré-candidata Dilma Rousseff como uma mulher explosiva e perigosa ao mencionar o *slogan* “Pra acabar com o Brasil. Dilma Vez” e não deixar que o país se desenvolva, mude, como é visto em seu *slogan* verdadeiro, “Dilma 13 para o Brasil seguir mudando”. Para a construção de um sentido mordaz e parodiado o enunciador faz uso do universo vampírico ao incluir expressões como: “metrô Trans Vampiro”, “vale-cemitério” e “morto” numa alusão aos personagens que causam pânico aos ‘seres mortais’.

Trata-se, portanto, de uma alternativa para quebrar com a seriedade do texto e, assim, tornar saliente um julgamento ou ponto de vista por parte do enunciador que dialoga com seus leitores por meio da crônica político-social. Outra questão apontada nesse recorte diz respeito aos programas de assistencialismo, comuns a todos os po-líticos, e está exemplificada nos seguintes dizeres: “devia lançar o vale-cemitério. Se ele ganhar, você já tem onde cair morto!” e igualmente, “E a Dilma vai inaugurar o puxadinho do bar do Zé peidão em Moragogipe.” O que faz dessa breve transcrição um viés para os enunciatários conhecerem os artifícios do ‘poder’ e não serem influenciados pelo voto fácil.

Podemos também observar, por meio do próximo enunciado, como seu conteúdo apresenta a face obscura e controladora da política. A transcrição é objetiva e apresenta o seguinte:

Lula chama Dilma e quer mudar seu desempenho na TV. Então é aquele filme “Como treinar seu Dragão”! Lula e Dilma em “Como treinar seu Drag Não”. EM 3D! E aquela foto do Serra Vampiro beijando o pescoço do Aécio? É que ele cansou de sugar paulista, agora quer sugar mineiro para variar. Rarara! Pescoço à Pururuca. (FOLHA DE SÃO PAULO. Ilustrada E 7 27 de abril de 2010).

No texto o enunciador estabelece uma analogia entre a relação da pré-candidata Dilma e o atual presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, com as personagens do filme “Como treinar seu Dragão”, apresentada como uma relação ‘amigável’. O longa-metragem no estilo aventura e animação foi produzido em 2010 e narra exatamente a relação de um garoto *Viking* com seu pai, o chefe do grupo.

Pequeno, franzino e desajeitado, ele não leva jeito para matar dragões até o dia em que consegue prender um e o transforma em seu animal de estimação. Ao utilizar características de um animal como o dragão, o enunciador ironicamente nos faz lembrar Dilma Rousseff no perfil de uma criatura assustadora por ter uma imagem desgastada, ser capaz de soltar fogo pelas ventas ao ser aborrecida e, ao mesmo tempo, tornar-se uma pessoa dócil, companheira e capaz de pleitear uma vaga para presidência, tal qual a imagem do dragão.

Em apreciação mais profunda, o enunciador expõe uma política composta por seres nada convencionais ao citar “dragões” e “vampiros”, porém, são personagens que sempre estiveram representados no teatro, no cinema, na teledramaturgia e hoje em dia, na política.

Observando a definição literal da palavra “Drag” temos o sentido de resistência, entrave, e o enunciador ao propor “Como treinar seu Drag Não”. EM 3D! enfatiza mais uma vez a questão do domínio e do controle como visto sob o prisma das ‘três’ dimensões. Nesse caso, notamos, ainda, a presença da paródia por meio do discurso interartístico, tal qual vimos nos fundamentos da Linda Hutcheon,

quando o enunciador adiciona uma linguagem plural e atual ao seu pronunciamento.

Mais adiante, no mesmo trecho, ao enunciar “E aquela foto do Serra Vampiro beijando o pescoço do Aécio? É que ele cansou de sugar paulista, agora quer sugar mineiro para variar” é denunciadora da ironia ao citar atitude típica dos vampiros, ou seja, o ato de sugar, com o beijo dado exatamente no pescoço. Outro termo colocado de forma hilária é o “Rarara! Pescoço à Pururuca”, como referência a um dos petiscos mais apreciados por mineiros e paulistas e que no enunciado é posto como nova opção de aliados do pré-candidato José Serra.

No próximo excerto, o enunciador faz do nome de Dilma menção irônica à bondade e à formosura como veremos logo abaixo:

E sabe o que um amigo meu falou da Dilma? “Ela é dilma ternura e dilma beleza”. E os assessores da campanha do Serra? Aleluia e coruja! Xi, Vampiro, Aleluia e Coruja. Vai dar uma nuvem negra. (FOLHA DE SÃO PAULO. Ilustrada E 11 10 de abril de 2010).

Notamos, nesse caso, o nome das iniciais da pré-candidata escrito em letra minúscula o que denota uma linguagem esteticamente voltada para o sarcasmo e o deboche pelas coisas menos importantes, um sujeito simples, comum. Ao notar, “Ela é dilma ternura e dilma beleza”, o enunciador expressa, por meio da repetição e do uso da letra minúscula, uma linguagem capaz de informar ao enunciatário que a candidata possui predicados sem, é claro, distinguir quais. Em seguida, os vocábulos “Aleluia” e “Coruja”, revelam oposição entre alegria e tristeza devido a coruja ser um animal de hábitos noturnos e que aguça as superstições populares em relação à morte.

Como em outros trechos dessa análise, as palavras que remetem



aos vampiros e sugadores também estão presentes nesta passagem para provar, como exemplo, que não existem discursos imparciais em termos de valores e apreciações. Dessa forma, o enunciador ironiza e aponta uma onda de ‘azar’ na campanha do José Serra ao escolher pessoas tão adversas para conduzir sua candidatura. “E os assessores da campanha do Serra? Aleluia e coruja! Xi, Vampiro, Aleluia e Coruja. Vai dar uma nuvem negra”.

Para dar continuidade nessa análise, vamos apreciar um último trecho retirado da crônica político-social. Nele, o enunciador cria um estilo provocador e ferino para transmitir seu sentimento de desprezo e indignação aos seus leitores. Lançado em janeiro de 2007, o Programa de Aceleração do Crescimento, também conhecido como PAC, foi criado com o objetivo de acelerar o crescimento do Brasil por meio de investimentos em infraestrutura, transporte, habitação, recursos hídricos e saneamento. O enunciador cria ironia ao se referir às letras da sigla como referentes a novas palavras. Assim, ao invés de aludir a “Programa de Aceleração do Crescimento”, ele estabelece que a sigla se refere a “Porrada, Arranhão e Cacetada” como notamos a seguir:

E sabe qual é o PAC da Dilma? Porrada, Arranhão e Cacetada!

(FOLHA DE SÃO PAULO. Ilustrada. 24 de abril de 2010).

Na breve referência, é notável o tom parodiado com relação às controvérsias geradas pela criação do novo programa federal. O enunciador faz um jogo com as palavras que nos remete aos conflitos que esse tipo de ‘plano’ pode provocar. Ao interrogar o enunciário e apresentar novas palavras associadas à sigla PAC, o enunciador propõe um tom cômico e dá continuidade ao seu estilo subversivo como vimos no decorrer de todos os recortes. Portanto, através dessa

análise tivemos vários exemplos de como a linguagem é a faculdade humana de produzir sentidos e para interpretarmos o mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procuramos, neste artigo, expor trechos da crônica do José Simão e assim, desvendar como os sujeitos estão representados dentro do contexto da política e de outros temas abordados pelo noticiário. Podemos observar após a análise como as diferentes linguagens são fundamentais para compor o discurso. A linguagem nesse sentido se torna o meio para a interação social e vimos no discurso de José Simão um exemplo de confrontações, acordos, provocações através do seu estilo irônico e contestador.

Certas expressões utilizadas pelo Colunista ilustram a extensa variedade linguística que temos em nossa língua e quando bem agrupadas, informam, dialogam e mostram a dimensão argumentativa que o enunciador possui. Após o levantamento das referências, vimos que os sujeitos estão representados de múltiplas maneiras e que a história está presente na formação desses discursos.

Vampiros, dragões, corujas, fantasmas, drogas, morte, cemitério e terror são algumas das palavras que ironicamente se transformam em sátiras e ajudam o leitor em sua rota de leitura e compreensão.

Portanto, por meio dessa análise, observamos diversos acontecimentos que dão sentido ao discurso e, ao mesmo tempo, contribuem para o desdobramento de temas relacionados com os fatos artísticos, desportivos e, sobretudo, políticos do nosso país.

## REFERÊNCIAS

- CANO, J. R. *O riso sério: um estudo sobre a paródia*. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos\\_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume\\_4/009.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume_4/009.pdf)>. Acesso em: 2 ago. 2010.
- FERNANDES, C. A. I. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FOUCAULT, M. A. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- \_\_\_\_\_. *M. Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. Vânia Sargentini; Pedro Navarro Barbosa. São Carlos: Claraluz, 2004.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 31 jun. 2010.
- GREGOLIN, M. do R. B. R. (Org.). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2004.
- HUTCHEON, L. *Uma teoria da paródia*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- ORLANDI, E. *Corpo a corpo com a linguagem*. Disponível em: <<http://globouniversidade.globo.com/GloboUniversidade/0,,AA1703522-8745,00.html>>. Acesso em: 11 abr. 2010.
- ORLANDI, E. *Discurso, imaginário social e conhecimento*. Em *Aberto*, Brasília, ano 14, n. 61, jan.-mar, 1994.
- PAULINO, R. A. F. *Comunicação e trabalho: estudo de recepção*:

o mundo do trabalho como mediação da comunicação/ Roseli A. Fígaro Paulino. 2. ed. São Paulo: A. Garibaldi, 2001.

SARGENTINI, Vanice. NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

SOUZA, A. M. de. *Palavra do corpo: confluência de linguagens em night journey*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v24n1/v24n1a12.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2010.